

PRODUÇÃO DE COCO – SOERGUIMENTO DAS ÁREAS TRADICIONAIS DO NORDESTE

MARIA SIMONE DE CASTRO PEREIRA BRAINER
Engenheira Agrônoma. Mestre em Economia Rural
Coordenadora de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB
msimonecb@bnb.gov.br

LUCIANO F. XIMENES
Zootecnista. Doutor em Zootecnia
Gerente Executivo ETENE/BNB
lucianoximenes@bnb.gov.br

Resumo: o Brasil é o quinto maior produtor mundial de coco, com a participação de 4,5% da produção total. No mercado global, o fruto do coqueiro é destinado, especialmente à produção de copra, tendo como principais derivados, óleo de coco (62,0%) e farinha de coco (33,1%). No Brasil, a previsão para 2020 é de que a área colhida de coco-da-baía chegue a 223 mil hectares com produção de 1,95 bilhão de frutos. Diferente do principal direcionamento dos maiores produtores mundiais, os cultivos brasileiros destinam-se à produção de coco seco *in natura*, coco ralado, leite de coco e água de coco. Em 2019, o saldo da balança comercial nacional dos derivados do coco foi de 2,83 milhões de reais, sobretudo pela queda das importações de quase todos os produtos. O Nordeste continua o maior produtor, com 81,3% da área e 71,2% da produção nacional. Por um lado, já existem na Região iniciativas de modernização da atividade, com implantação de novas áreas ou renovação de coqueirais com variedades mais produtivas, mas é preciso investir também no aumento de produtividade da maioria dos coqueirais já existentes, com o incentivo de programas governamentais adequados aos produtores dessas áreas.

Palavras-chave: *cocos nucifera*; produção; mercado; Nordeste.

1 PRODUÇÃO E MERCADO MUNDIAL

A produção mundial de coco, estimada para 63,6 milhões de toneladas em 2020, continua bastante concentrada em três Países, Indonésia (30,1%), Filipinas (24,7%) e Índia (19,0%). O Brasil é o quinto maior produtor, com a participação de 4,5% do total mundial, após Sri Lanka. Ao longo dessa última década, o crescimento anual da atividade foi de 0,8% da área colhida e 0,1% da produção mundial de coco, denotando certa estabilidade, apesar de variadas adversidades enfrentadas pelos plantios durante esse período, resultando em queda de 0,7% da produtividade. O desempenho da produção tem-se mantido praticamente estável nesses cinco últimos biênios (2016/17 a 2020/21), com um crescimento de 0,9% a.a. No biênio 2020/21, a produção total de copra foi 5,8 milhões de toneladas métricas, principalmente, para produção de óleo de coco (62,0%) e farinha de coco (33,1%). Os maiores produtores mundiais de copra são também os de óleo de coco, com exceção de Bangladesh, que importa toda a copra para produzir o óleo (USDA, 2020). Quanto ao óleo, entre 2020/21 e 2016/17, a produção não foi suficiente para suprir o consumo na alimentação e na indústria, cujo crescimento foi de 14,7%, provocando uma queda de

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Francisco Kaique Feitosa Araujo e Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo. Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

2,4% dos estoques finais, mesmo diante de um aumento de 26,6% das importações. Os maiores consumidores de óleo de coco na alimentação são a União Europeia (58,9% do consumo total), Índia (58,5%) e Vietnã (100,0%). Os Países que o usam mais na produção industrial são Filipinas (66,7%), Estados Unidos (60,4%), Indonésia (66,7%) e México (67,9%) (USDA, 2020).

Os principais produtores de óleo de coco, Filipinas e Indonésia consomem, em média, 40% de sua produção e exportam o restante, sendo também os maiores exportadores. Os principais importadores de óleo de coco são a União Europeia (34,8%) e os Estados Unidos (26,9%) que consomem quase 100% da quantidade importada. As produções da Índia, Vietnã e México destinam-se exclusivamente ao consumo doméstico (**Tabelas 1, 2, 3 e 4**). O aumento deste consumo, em grande parte, foi devido às publicidades acerca dos benefícios do óleo de coco. Al-

guns Países investem em indústrias de química fina, onde são produzidos óleos com maior grau de pureza, de maior valor agregado e que podem ser usados na alimentação e até mesmo como ingredientes de preparações medicinais. Como também, por ser a principal fonte mundial do ácido láurico que tem alto poder espumante, bactericida e biodegradável, o óleo de coco é usado em indústrias de cosméticos e sabões e na fabricação de álcool (ARAGÃO et. al., 2004).

No mercado mundial, o fruto do coqueiro é destinado, principalmente à produção de copra, por ser a forma mais fácil de aproveitamento do fruto, muitas vezes desidratado ao sol. Entretanto, a grande e constante quantidade de resíduos¹ gerada, também passou a ser aproveitada e países como Sri Lanka e Índia já fazem grande aproveitamento da casca do coco seco para a produção de fibra longa e substrato em pó, com variadas utilizações².

Tabela 1 – Principais produtores mundiais de óleo de coco (Mil toneladas métricas)

Países	2016/2017	2017/2018	2018/2019	2019/2020	2020/2021
Filipinas	1.515	1.698	1.700	1.615	1.575
Indonésia	980	1.018	975	952	955
Índia	446	481	474	474	474
Vietnã	171	174	180	184	192
México	130	129	138	139	139
Bangladesh	14	14	69	69	69
Sri Lanka	29	29	71	54	42
Tailândia	25	33	30	30	30
Papua Nova Guiné	24	15	30	25	25
Costa do Marfim	19	19	20	20	20
Selecionados	3.353	3.610	3.687	3.562	3.521
Outros	58	55	55	55	55
Mundo	3.411	3.665	3.742	3.617	3.576

Fonte: USDA (2020).

Tabela 2 – Consumo doméstico total de óleo de coco (Mil toneladas métricas)

Países	2016/2017	2017/2018	2018/2019	2019/2020	2020/2021
Filipinas	610	655	665	635	675
União Europeia	495	615	640	615	645
Estados Unidos	456	435	420	528	497
Índia	425	470	470	470	470
Indonésia	365	367	370	372	375
Vietnã	170	170	178	183	193
China	134	140	177	150	180
México	132	131	135	139	140
Bangladesh	16	17	56	75	80
Malásia	68	73	60	60	64
Selecionados	2.871	3.073	3.171	3.227	3.319
Outros	336	350	363	354	359
Mundo	3.207	3.423	3.534	3.581	3.678

Fonte: USDA (2020).

1 A casca de coco seco pesa em torno de 360g e a de coco verde, aproximadamente 1,05kg.

2 Muitas de suas utilizações são citadas no Caderno Setorial ETENE Ano 3, Nº 61, dez. 2018, intitulado Produção de coco: o Nordeste é destaque nacional. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/80223/4296541/61_coco.pdf/c172dd8f-3044-f1db-5d0c-a94c5eb735e0>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

Tabela 3 – Principais exportadores mundiais de óleo de coco (Mil toneladas métricas)

Países	2016/2017	2017/2018	2018/2019	2019/2020	2020/2021
Filipinas	1.000	873	1.175	1.000	925
Indonésia	517	640	617	620	640
Malásia	103	122	220	200	220
Papua Nova Guiné	27	23	21	23	19
Sri Lanka	20	17	16	20	16
União Europeia	15	13	13	14	13
Costa do Marfim	13	9	10	13	11
Estados Unidos	19	10	10	10	10
Índia	23	7	7	7	7
Canadá	7	5	6	6	6
Selecionados	1.744	1.719	2.095	1.913	1.867
Outros	13	14	12	12	12
Mundo	1.757	1.733	2.107	1.925	1.879

Fonte: USDA (2020).

Tabela 4 – Principais importadores mundiais de óleo de coco (Mil toneladas métricas)

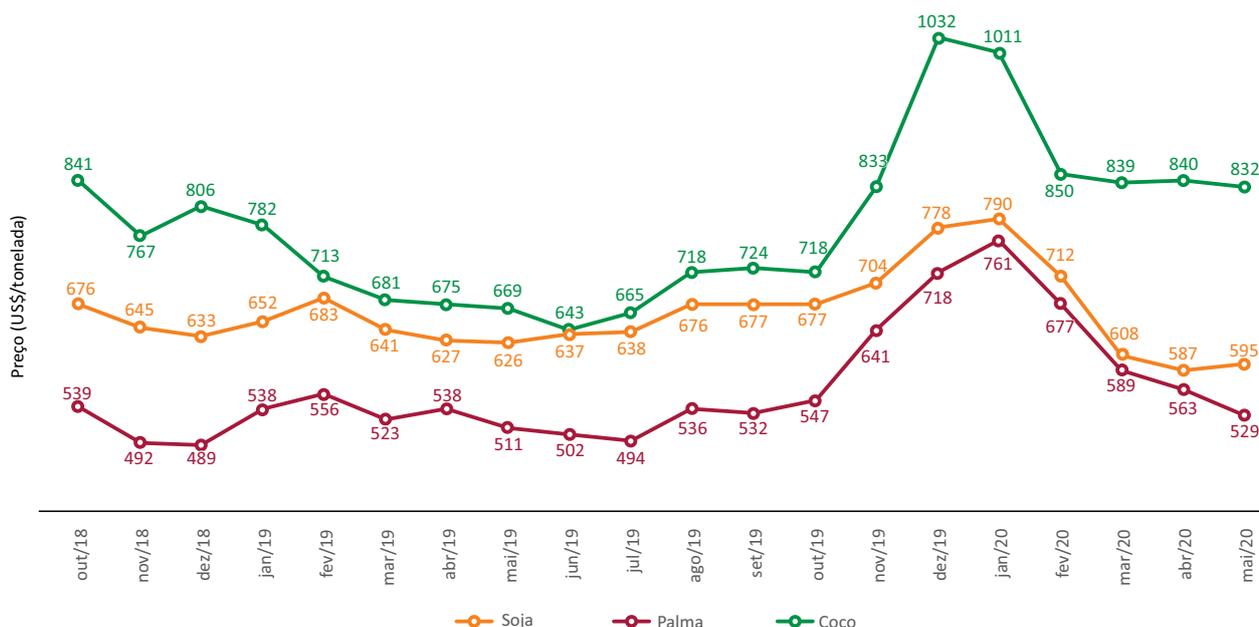
Países	2016/2017	2017/2018	2018/2019	2019/2020	2020/2021
União Europeia	505	638	655	620	655
Estados Unidos	470	448	452	540	507
Malásia	124	194	234	245	265
China	134	140	177	150	180
Coreia do Sul	48	57	57	60	60
Japão	41	40	39	40	40
Cingapura	26	38	37	40	40
Canadá	23	25	27	27	27
Rússia	25	25	27	25	25
Indonésia	10	16	31	15	15
Selecionados	1.406	1.621	1.736	1.762	1.814
Outros	82	83	85	72	70
Mundo	1.488	1.704	1.821	1.834	1.884

Fonte: USDA (2020).

A produção mundial de óleo vegetal no biênio 2020/21 foi de 208,6 milhões de toneladas métricas e o óleo de coco participa com 1,7% desse mercado. Seus principais concorrentes são o óleo de palma ou azeite de dendê (35,8%), o óleo de soja (28,1%) e o óleo de palmiste (4,3%), extraído da semente da palma. Este último, apesar da menor quantidade, concorre por apresentar também ácido láurico em sua composição.

Além do crescimento do consumo do óleo de palma (20,2%) e do palmiste (17,8%) ter sido superior ao do óleo de coco, suas produções cresceram quase três vezes mais, no período de 2016/17 a 2020/21, aumentando ainda mais a concorrência com o óleo de coco. Apesar disso, ainda continua mais valorizado que a soja e a palma, obtendo melhores preços por tonelada do produto (**Gráfico 1**). O preço do óleo de coco e o seu consumo é que vão determinar o preço do coco ralado, principal produto brasileiro.

Gráfico 1 – Preço de óleos vegetais concorrentes do óleo de coco



Fonte: adaptado pelo autor de USDA (2020). A preços de junho de 2020.

2 PRODUÇÃO E MERCADO NACIONAL

2.1 Produção nacional

Em função das melhores condições climáticas, principalmente na maior região produtora, a previsão é de que a área colhida de coco-da-baía no Brasil chegue a 223 mil hectares com produção de 1,95 bilhão de frutos (**Tabela 5**). A região Nordeste continua a maior produtora, com 81,3% da área e 71,2% da produção nacional. Posição que foi conquistada desde a introdução dos primeiros plantios em seu litoral e que ainda vem se mantendo. Contudo, se as previsões se concretizarem, sua participação sobre a área colhida e a produção nacional passarão a 76,1% e a 65,0%, respectivamente, em 2020.

A produtividade dos coqueiros está relacionada à variedade explorada, à destinação do produto, à utilização de insumos, adoção de tecnologia, além dos fatores edafoclimáticos, dentre outros. No Nordeste, cerca de 60% da variedade plantada ainda é de coqueiro gigante destinado à produção de coco seco, com baixos preços no mercado e menor remuneração por área (**Tabela 5**). Isso reflete em menor rendimento, quando comparado aos das demais regiões do País, visto que a renda do produtor muitas vezes não é suficiente para cobrir os custos com insumos e adoção de tecnologias, continuando o mesmo sistema de cultivo semiextrativista, principalmente em áreas litorâneas.

As outras regiões estão aumentando suas áreas plantadas com rendimentos e remuneração por área superiores aos encontrados no Nordeste. Na Norte, há grande área plantada com a variedade híbrida que pode ser destinada às duas finalidades, tanto para a produção de coco seco

(matéria-prima do coco ralado e do leite de coco), quanto de coco verde (água de coco), conforme o mercado. Nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, a variedade mais plantada é a coqueiro anão, para produção de água, com maior remuneração por área e preço pago ao produtor (**Tabela 5**). Nessas regiões há utilização intensiva de insumos, de tecnologia e implantação de grandes projetos em perímetros irrigados. Esses dados precisam despertar os formuladores de políticas públicas da Região Nordeste, para que esta se mantenha na posição de principal produtora nacional de coco da baía, com sustentabilidade econômica e pelo social.

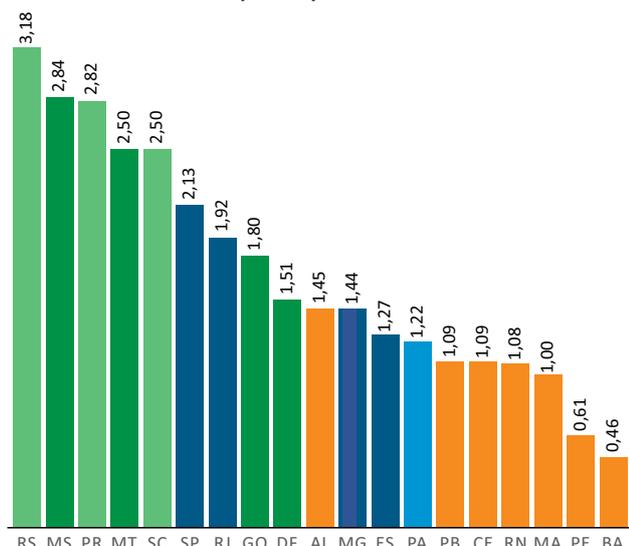
2.2 Mercado interno nacional

Diferente do principal direcionamento dos maiores produtores mundiais, os cultivos brasileiros destinam-se à produção de coco seco *in natura*, coco ralado, leite de coco e água de coco. As facilidades decorrentes das variadas formas de apresentação desses produtos, nas prateleiras dos supermercados³ ao longo de todo ano, têm promovido o aumento do consumo. Contudo, não existem estatísticas oficiais relativas a quantidades e valores comercializados desses produtos e seus derivados, no mercado interno, exceto o preço do coco verde.

Os maiores preços do coco verde são praticados nos estados do Sul e Centro-Oeste, possivelmente, porque produzem pouco e se abastecem de outras regiões, o que encarece o produto por causa do frete. Já no Sudeste, o preço deve-se, em parte, ao frete e aos custos com sua própria produção, com utilização intensiva de insumos e de tecnologia. Os menores preços são praticados nos estados do Nordeste e no Pará, localizado na região Norte que é a segunda maior produtora nacional (**Gráfico 2**).

3 No Caderno Setorial ETENE Ano 2, Nº 18, out. 2017, intitulado A adaptação do Nordeste ao cenário de modernização da cocoicultura brasileira são apresentados alguns desses produtos.

Gráfico 2 – Preços médios (R\$/fruto) do coco verde no atacado (Ceasa) de referência dos estados



Fonte: CONAB (2020).

Nota: Preços médios relativos ao período de 02.06 a 30.07.2020.

Com relação à água de coco, pode-se medir a elevação do consumo através de suas importações. Entre 2012 e 2016, registrada como “suposta água de coco”, as importações cresceram 584,6%, passando de 484 toneladas para 3,3 mil toneladas. A partir de 2017, quando passou a ser registrada como água de coco, o aumento até 2019 foi de 450,7%. Contudo, a alta do consumo da água de coco gerou um problema ambiental bem maior, porque a casca do coco verde é de mais difícil degradação do que a do coco seco. A produção de casca de coco estimada para o Brasil, em 2020, é de 2,7 milhões de toneladas/ano, dos quais 74,5% são de coco verde. Como há poucos Países do mundo que produzem coco verde para consumo *in natura*, até pouco tempo não existia tecnologia disponível para o processamento desse resíduo, quando a Embrapa Agroindústria Tropical, em parceria com uma metalúrgica, juntas, desenvolveram equipamentos para transformação da casca em pó e em fibra. Esses produtos são matérias-primas para variadas aplicações, possibilitando mais uma opção de renda para o produtor, além de solucionar os problemas ambientais gerados pelo aumento do resíduo.

Tabela 5 – Área colhida, produção, rendimento, valor da produção e remuneração de coco-da-baía, por região e estados da Área de Atuação do BNB

País, Regiões, UF Área BNB	Área colhida (hectares)			Produção (milhões de frutos)			Rendimento (frutos/ha)			Valor da produção 2018 (mil reais)	2018 (reais/ha)	2018 (R\$/fruto)
	2018	2019	2020	2018	2019	2020	2018	2019	2020			
Brasil	198.715	199.659	223.057	1.565	1.661	1.951	7.873	8.319	8.747	972.962,0	4.896,3	0,62
Norte	20.857	24.411	33.698	207	252	361	9.923	10.304	10.699	122.320,0	5.864,7	0,59
Nordeste	161.627	158.313	169.763	1.114	1.146	1.269	6.895	7.239	7.475	674.867,0	4.175,5	0,61
Sudeste	14.573	15.179	17.387	224	244	297	15.381	16.065	17.076	156.052,0	10.708,3	0,70
Sul	244	290	522	2	3	5	7.631	8.679	9.870	2.279,0	9.340,2	1,22
Centro-Oeste	1.414	1.467	1.686	17	17	19	12.144	11.666	11.207	17.445,0	12.337,3	1,02
Área BNB	171.146	168.321	180.826	1.265	1.311	1.464	7.389	7.789	8.096	759.318,0	4.436,7	0,60
MA	2.114	1.979	1.934	8	8	9	3.799	4.069	4.551	5.532,0	2.616,8	0,69
PI	758	725	732	11	11	11	14.664	15.031	15.133	9.357,0	12.344,3	0,84
CE	38.328	38.099	39.692	254	303	322	6.631	7.947	8.115	169.571,0	4.424,2	0,67
RN	16.030	18.260	23.926	70	84	116	4.388	4.626	4.828	46.480,0	2.899,6	0,66
PB	6.041	5.770	5.653	35	37	40	5.727	6.347	7.146	21.662,0	3.585,8	0,63
PE	7.398	7.009	7.813	140	134	144	18.859	19.080	18.414	66.077,0	8.931,7	0,47
AL	21.343	22.022	25.309	77	80	93	3.629	3.637	3.674	65.533,0	3.070,5	0,85
SE	25.328	22.259	19.842	174	159	150	6.884	7.160	7.562	116.780,0	4.610,7	0,67
BA	44.287	42.190	44.861	345	330	384	7.785	7.822	8.561	173.876,0	3.926,1	0,50
Norte de MG	508	412	445	8	7	7	16.187	17.493	16.773	7.605,0	14.970,5	0,92
Norte do ES	9.011	9.596	10.618	142	157	187	15.761	16.391	17.651	76.845,0	8.527,9	0,54

Fonte: IBGE, 2020a; Nota: Os dados de área e produção 2019 e 2020 foram estimados a partir das taxas de crescimento anual entre os anos de 2016 e 2018, aplicadas a todos os municípios brasileiros.

Tabela 6 – Exportações e importações brasileiras de derivados do coco

Produtos	Exportação								Importação							
	Peso (t)			(Mil US\$)			R\$/kg (')		Peso (t)			Valor (Mil US\$)			R\$/kg (')	
	2018	2019	2020*	2018	2019	2020*	2019	2020	2018	2019	2020*	2018	2019	2020*	2019	2020
Cocos, frescos ou secos, dessecados (coco ralado)	39	161	29	212	414	138	14,07	26,46	14.828	15.451	6.042	26.205	19.745	7.698	7,00	6,98
Cocos na casca interna (endocarpo)	233	201	110	105	110	74	3,00	3,67	0	0	0	0	0	0	-	-
Cocos frescos	876	613	380	469	418	214	3,73	3,08	353	304	88	923	604	109	10,87	6,81
Óleo de coco (óleo de copra), em bruto	1	1	0,80	6	7	5	37,86	35,65	939	1.113	886	3.511	2.930	2.090	14,41	12,92
Outros óleos de coco (óleos de copra)	27	45	7	266	386	74	47,40	54,59	2.657	3.044	1.482	7.431	5.978	2.497	10,76	9,23
Tortas e outros resíduos sólidos do coco ou da copra	0	0,01	0	0	0,07	0	43,19	-	23	24	4	69	59	8	13,52	10,88
Fios de cairo (fios de fibras de coco)	0,09	0	0	0,54	0	0	-	-	69	79	11	110	106	18	7,35	9,24
Revestimento para pavimento, de cairo	3	1	3	17	7	10	28,82	20,77	530	637	271	777	852	364	7,32	7,35
Água de coco brix ≤7,4	36.212	37.029	21.707	40.820	39.935	18.953	5,91	4,78	19	0	0	26	0	0	-	-
Água de coco > 7,4	0	0,01	0	0	0,02	0	13,00	-	3.144	2.674	786	9.640	8.171	2.277	16,73	15,86
Total	37.390	38.051	22.237	41.895	41.279	19.469			22.562	23.327	9.570	48.692	38.445	15.062		

Fonte: AGROSTAT (2020). Adaptado pela autora.

Nota: (*) Dados de janeiro a junho de 2020; (') 1 dólar = R\$ 5,4754 (30.06.2020).

2.3 Mercado externo

No mercado externo, os principais produtos transacionados, hoje, pelo Brasil são o coco ralado, com o nome comercial de Cocos, frescos ou secos, dessecados; o óleo de coco, comercializado nas nomenclaturas Óleo de coco (óleo de copra), em bruto e Outros óleos de coco (óleos de copra); e a água de coco, comercializada nas nomenclaturas Água de coco (cocos nucifera) com valor brix não superior a 7,4 (menor concentração) e Água de coco (cocos nucifera) com valor brix superior a 7,4 (maior concentração).

Em 2019, o saldo da balança comercial nacional dos derivados do coco foi de R\$ 2,83 milhões. Comparando-se o primeiro semestre de 2020 com o mesmo período de 2019, devido à desvalorização do real frente ao dólar, o volume exportado cresceu 9,0% e o importado caiu 12,7%, elevando 57,6% do saldo, em 2020. No primeiro semestre de 2020, o coco ralado teve queda de -21,5% do valor importado e a água de coco de maior concentração, -54,5% de suas importações; do outro lado, superávit com a água de coco de menor concentração, juntamente com os Cocos na Casca Interna (Endocarpo) e os Cocos Frescos. Assim, o grande volume de importação de coco ralado pelo Brasil deve-se, principalmente, ao menor preço cobrado pelos fornecedores internacionais, mas também ao aumento do leque de derivados do coco. Em 2019, enquanto a média do preço das importações foi US\$ 1,37/

kg, o preço cobrado pelas exportações foi de US\$ 2,18/kg. Nesse semestre de 2020, porém, em função do agravamento dos problemas econômicos por causa da pandemia, as importações caíram, mesmo com o preço caindo US\$ 1,27/kg.

Em 2019, os maiores importadores de coco ralado foram as regiões Nordeste (38,3%) e Sudeste (38,0%). O Nordeste importou 4,3 mil toneladas da Indonésia e 1,5 mil toneladas das Filipinas, pagando respectivamente, US\$ 0,98/kg e US\$ 1,39/kg, em média. Os principais fornecedores da Região Sudeste foram as Filipinas (3,8 mil toneladas) e a Indonésia (1,7 mil toneladas), aos preços médios de US\$ 1,91/kg e US\$ 1,15/kg, respectivamente (dados do Agrostat, 2020).

O volume exportado de água de coco de menor concentração aumentou 9,3% no primeiro semestre de 2020 em relação ao igual período de 2019, mas o valor recebido foi 11,3% menor, em função da queda do preço (de US\$/kg 1,08, em 2019 para US\$/kg 0,87, em 2020), com reflexo na queda de 11,8% do valor exportado, uma vez que esse produto representou 97,4% das exportações totais dos derivados do coco. Por outro lado, mesmo com o estímulo da queda do preço da água de coco concentrada, de US\$ 3,08 para US\$ 2,90, as importações caíram 54,5%. Esses dois fatos são consequência da desvalorização do real.

Quase toda água de coco de menor concentração é exportada pelo Nordeste (99,7% do total nacional, em 2019), tendo os Estados Unidos como principal destino de grande parte do volume (84,3%), seguido pelo Canadá (7,3%), Reino Unido (4,5%) e mais 32 Países. A água de coco de maior concentração é importada das Filipinas pelas regiões Nordeste (84,5%) e Sudeste (15,5%) ao preço médio de US\$3,00/kg.

Como dito anteriormente, os óleos de coco também fazem parte dos principais produtos comercializados no mercado externo. O maior importador nacional de Óleo de coco (óleo de copra), em bruto, em 2019, foi o Nordeste (65,5%), vindo depois a Região Sul (18,4%) e a Sudeste (15,1%). Em 2019, todo volume de óleo de coco destinado ao Nordeste foi fornecido pelas Filipinas ao valor de US\$2,59/kg. Os fornecedores da Região Sul foram as Filipinas (80,3 toneladas), Índia (67,4 toneladas) e Sri Lanka (56,9 toneladas), aos valores de US\$ 2,56, US\$ 2,64 e US\$2,82 por quilo de óleo de coco. Estes mesmos Países também forneceram óleo de coco para a Região Sudeste, aos respectivos volumes e preços cobrados, Sri Lanka (88,2 toneladas; US\$2,47), Índia (47,2 toneladas; US\$2,76) e Filipinas (25,6 toneladas; US\$ 3,50).

As principais regiões que importaram os Outros óleos de coco (óleos de copra), em 2019, foram o Nordeste (62,2%), o Sudeste (20,0%) e o Sul (17,6%). Os fornecedores para o Nordeste foram o Uruguai (835,2 toneladas ao valor de US\$2,26), a Malásia (683,1 toneladas ao valor de US\$1,48), a Indonésia (325,2 toneladas ao valor de US\$1,19) e as Filipinas (48,2 toneladas ao valor de US\$ 2,45). Para a Região Sudeste, forneceram os Países da Europa, Estados Unidos, Canadá e Austrália, além dos tradicionais Países da Ásia. Os preços cobrados pelos diferentes Países variaram de US\$ 1,21 até US\$ 41,37 por kg de óleo. As importações da Região Sul foram provenientes de Países da Ásia, Europa e dos Estados Unidos. Este País cobrou, pelo produto fornecido, o preço médio de US\$ 12,08, enquanto os demais cobraram preços que variaram de US\$1,27 e US\$3,76.

Importante observar as variações de preços cobrados por um País, pelo mesmo produto, a diferentes mercados. No caso dos outros óleos de coco, as variações de preços são muito maiores, já que pode se tratar de diferentes frações ou refino do óleo de coco, agregando muito mais valor ao produto.

As transações comerciais de quase todos os derivados do coco foram fortemente afetadas pela recessão mundial, apresentando significativas quedas nos volumes e nos preços, com exceção da água de coco de menor concentração, possivelmente pelo aumento do seu consumo tanto para fortalecer como para hidratar o organismo, evitando as complicações nas vias respiratórias e de circulação provocada pela Covid-19.

3 PRODUÇÃO E MERCADO REGIONAL

3.1 Produção Regional

Entre os anos de 2008 a 2018, as áreas de coqueirais do Nordeste caíram, em média, 3,4% a.a., e a produção acompanhou a queda (-2,6% a.a.) já que a produtividade, com o crescimento médio de apenas 0,8% a.a., ao longo desse período, não foi suficiente para a reversão desse quadro. Porém, em 2018, até o mês de agosto, foram comercializadas quase 2,0 milhões de sementes e mudas de coqueiros anões e híbridos nos estados do Nordeste, Espírito Santo e Minas Gerais, onde o BNB atua (**Quadro 1**).

Considerando uma média de 182 plantas/ha, essa quantidade de sementes deve promover o incremento de 11,0 mil ha na área da Região e acréscimo na produção de 314 milhões de frutos⁴ a partir do ano de 2023. Essas iniciativas de modernização da atividade, com implantação de novas áreas ou renovação de coqueirais com variedades mais produtivas precisam ser estimuladas, mas é preciso também investir no aumento de produtividade da maioria dos coqueirais já existente, o que pode ser incentivado com programas governamentais para esse fim.

Quadro 1 – Comercialização de sementes e mudas de coqueiros

Estados	Quantidade	Estados	Quantidade
Ceará	873.570	Pará	323.320
Bahia	582.850	São Paulo	68.100
Rio Grande do Norte	133.960	Mato Grosso	55.725
Sergipe	115.100	Rio de Janeiro	10.700
Pernambuco	95.790	Tocantins	10.000
Maranhão	66.900	Distrito Federal	10.000
Espírito Santo	34.720	Paraná	2.050
Paraíba	29.650	Santa Catarina	1.800
Alagoas	15.600	Mato Grosso do Sul	1.100
Minas Gerais	10.900	Subtotal	482.795
Piauí	1.700	Exportações	277.000
Subtotal	1.960.740	Total	2.720.535

Fonte: COHIBRA, 2019. Dados de agosto de 2018.

No Ceará, existem os dois cenários citados anteriormente, áreas com coqueiros tradicionais, destinados à produção de coco seco, proveniente, em geral, do coqueiro gigante, que representam mais de 60,0% da área total, 29,8% da produção estadual e uma produtividade média muito baixa (3,7 mil frutos/ha). Por outro lado, a produção do coqueiro anão, coco para água, já superou a do coco seco (mais de 70,0% do total), visto que, além de ser uma variedade mais produtiva, seu cultivo é quase todo em sistema de irrigação, atingindo uma produtividade média de 16,7kg/ha (IBGE, 2020).

É importante salientar que as políticas destinadas à coqueiros devem considerar as características distintas desses dois tipos de produtores, para que, tanto um como o outro possam responder adequadamente ao apoio recebido.

⁴ Em um hectare podem ser plantadas 205 plantas de coqueiro anão ou 160 plantas de híbridos. O coqueiro anão produz em torno de 150 a 200 frutos/planta/ano e o híbrido, 130 a 150 frutos/planta/ano.

3.2 Mercado Interno

Internamente, a Região Nordeste comercializa seus produtos⁵ em mercados locais, em estados da Região Centro-Oeste, Sul e Sudeste, mas não existem estatísticas relativas a quantidades e valores comercializados.

3.3 Mercado externo

Com as sucessivas quedas na produção, as importações foram iniciadas para atender provisoriamente as agroindústrias de processamento do coco. Entretanto, com a ampliação do leque de derivados e a necessidade de atender os compromissos, e ainda, com os preços mais vantajosos, as importações se mantiveram. O valor pago pelas importações de quase todos os produtos é inferior ao preço recebido pelas exportações, porque os países fornecedores, na maioria asiáticos, vendem seus produtos minimamente processados, enquanto os exportadores agregam mais valor aos seus produtos, antes de vendê-los.

Segundo o Sindcoco (2018), a importação de água de coco com brux superior a 7,4 é diluída e transformada em produto pronto para o consumidor final, cujo brux não pode ser superior a 7,4. Como a água de coco importada é concentrada, é coerente que o preço unitário do quilo seja superior ao da água de coco diluída para exportação. A diluição é na proporção de 1,0 kg de água de coco concentrada para, em média, 13,0 kg de água (segundo o gosto do mercado consumidor), transformando-se em 14,0 kg de água de coco destinados ao consumo. Considerando essa informação, em 2019, os estados de Alagoas (9,5 mil t), Bahia (0,2 mil t), Ceará (21,7 mil t), Paraíba (0,2 mil t), Espírito Santo (2,1 mil t) e Minas Gerais (3,3 mil t) produziram, juntos, 37,1 mil toneladas de água de coco prontas para consumo e destinaram 99,5% ao mercado externo, cujo principal comprador foram os Estados Unidos (83,9%), seguido por Canadá (7,2%), Reino Unido (4,5%), Cabo Verde e outros. Praticamente todo volume importado foi destinado à exportação, ficando somente 0,5% no mercado interno.

Tabela 7 – Principais destinos das exportações do Nordeste (US\$)

Produtos	Países	Estados/Região	2017	2018	2019	2020
Coco ralado	Indonésia	Alagoas	-	-	155.768	-
	Estados Unidos	Alagoas, Espírito Santo e Minas Gerais	71.609	91.100	103.931	45.436
	Paraguai	Alagoas, Paraíba e Sergipe	24.469	39.932	42.241	9.905
	Canadá	Alagoas, Ceará e Minas Gerais	890	-	16.664	-
	Portugal	Alagoas	-	3.235	7.357	10.309
	Angola	Alagoas e Bahia	5.331	2.904	3.421	24.852
	Outros 37 Países	Outros estados	6.410	9.941	24.450	15.565
	40 Países	Nordeste	108.101	143.430	346.655	103.257
Outros óleos de coco	Angola	Alagoas	4.989	1.372	93.026	3.266
	Portugal	Alagoas	-	-	69.873	-
	Paraguai	Alagoas	28.007	43.006	62.794	5.848
	Chile	Alagoas	267.225	103.449	59.599	-
	Cabo Verde	Alagoas e Ceará	40.053	55.702	21.708	20.178
	Bolívia	Alagoas, Paraíba e Espírito Santo	-	-	14.469	28.284
	Outros 12 Países	Outros estados	2.175	11.709	10.315	7.604
	17 Países	Nordeste	340.274	215.238	331.784	55.573
Água de coco (menor concentração)	Estados Unidos	Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Espírito Santo	6.720.190	33.811.751	33.193.447	16.235.109
	Canadá	Bahia, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte	825.429	4.137.889	2.921.290	1.336.247
	Reino Unido	Alagoas, Ceará e Paraíba	160.130	797.545	1.585.705	557.269
	Cabo Verde	Alagoas e Ceará	11.118	41.925	31.768	17.468
	Outros 40 Países	Outros estados	366.807	1.898.465	2.006.114	718.493
	39 Países	Nordeste	8.083.674	40.687.575	39.737.921	18.858.354

Fonte: AGROSTAT (2020). Adaptado pela autora.

Nota: Os dados do Espírito Santo e Minas Gerais são estaduais, porque não foi possível selecionar somente os municípios onde o Banco do Nordeste tem atuação.

5 O Caderno Setorial ETENE Ano 3, Nº 61, dez. 2018, intitulado Produção de coco: o Nordeste é destaque nacional, descreve variados aproveitamentos econômicos das partes do fruto do coqueiro, tanto verde como seco, quer na forma in natura ou processada ou ainda artesanal. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/80223/4296541/61_coco.pdf/c172dd8f-3044-f1db-5d0c-a94c5eb735e0>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

Tabela 8 – Principais Países de origem das importações do Nordeste (Mil US\$)

Produtos	Países	Estados/Região	2017	2018	2019	2020
Coco ralado	Filipinas	Alagoas, Ceará e Espírito Santo	7.176	6.856	5.830	2.556
	Indonésia	Alagoas, Ceará, Sergipe e Espírito Santo	10.464	10.410	5.649	1.820
	Sri Lanka	Espírito Santo	118	-	384	417
	Vietnã	Rio Grande do Norte	-	-	73	-
	Outros Países	Outros estados	818	1.005	123	137
	Oito (8) países	Nordeste	10.400	9.803	6.397	3.124
Água de coco (maior concentração)	Filipinas	Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Espírito Santo e Minas Gerais	3.118	9.436	8.104	2.277
	Indonésia	Alagoas	204	205	-	-
	Tailândia	Ceará	409	-	-	-
	Três (3) países	Nordeste	3.731	9.105	6.927	859
Outros óleos de coco	Uruguai	Alagoas	-	2.214	1.884	512
	Malásia	Alagoas e Ceará	808	1.208	1.008	448
	Filipinas	Minas Gerais e Espírito Santo	314	433	446	117
	Indonésia	Alagoas	185	445	385	488
	Sri Lanka	Espírito Santo	-	-	22	-
	Itália	Minas Gerais	-	-	0,3	-
	Outros Países	Outros estados	614	20	118	132
	Sete (7) países	Nordeste	1.095	3.888	3.395	1.580
Óleo de coco	Filipinas	Alagoas	6.858	2.301	1.891	2.015
	Índia	Alagoas	-	110	-	-
	Sri Lanka	Alagoas e Espírito Santo	134	123	-	-
	Três (3) países	Nordeste	6.992	2.466	1.891	2.015

Fonte: AGROSTAT (2020). Adaptado pela autora.

Nota: Os dados do Espírito Santo e Minas Gerais são estaduais, porque não foi possível selecionar somente os municípios onde o Banco do Nordeste tem atuação.

4 RECOMENDAÇÕES

a. A cocoicultura nordestina possui dois tipos de produtores, cujas características precisam ser consideradas, para que as políticas destinadas a eles tenham a resposta esperada. Os pequenos e mini produtores, em sua maioria, descapitalizada, precisam de apoio com direcionamento em todas as etapas da cadeia produtiva, seguindo as tendências de valorização da cultura local e do seu papel social, promovendo o aumento de renda, mas com consciência ambiental. Para tanto, sugere-se:

- Financiamento de equipamentos para processar a casca de coco, como fonte de adubação de suas próprias áreas e consequente aumento da produtividade dos coqueirais;
- Incentivo à formação de constantes mutirões entre os produtores para adubação das áreas e introdução de novas tecnologias;
- Promoção de cursos para agregação de valor aos produtos do coco;

- Incentivo à promoção de feiras livres para a divulgação dos variados produtos artesanais do coco, derivados do epicarpo (casca externa), mesocarpo (fibras e pó), endocarpo (parte rígida que protege a polpa) e endosperma ou alúmen sólido ou polpa (parte branca);
 - Promover o turismo histórico nas primeiras regiões produtoras, com vistas à sua valorização e soerguimento dessas áreas.
- b. Com o aumento da produção industrial e do consumo da água de coco, a geração de resíduos de casca de coco é cerca de 2,7 milhões de toneladas anuais, despontando um novo negócio tanto para pequenos, como para grandes produtores;
- c. O coqueiro pode ser cultivado em sistemas agrosilvipastoris, em consórcio com outras culturas tais como cacau, café conilon, pimenta do reino, ou com criação de animais, contribuindo com a obtenção de outras fontes de renda para o pequeno produtor.

5 CENÁRIO E TENDÊNCIAS

Comentários	
	<ul style="list-style-type: none"> A pandemia afetou muito as vendas de água de coco embalada em todo o mundo, especialmente nos EUA e na UE, onde o mercado está mais bem estabelecido. O cenário de alta demanda com escassez de cocos vendidos a um preço mais alto passou por uma crise durante o período de pandemia, em que a oferta não atendeu a demanda. Além disso, a procura por água de coco embalada e não embalada também são maiores no verão, concomitante à pandemia. Esta temporada de pico foi drasticamente afetada devido às restrições de distribuição e no abastecimento; Os fabricantes dos produtos à base de coco sofreram grandes perdas durante o primeiro e segundo trimestres de 2020 em função do fechamento de fábricas. Apesar de poderem operar em algumas áreas, a mão de obra insuficiente e as restrições à mobilidade de veículos reduziram drasticamente o processo da cadeia de abastecimento. Além disso, a alta temporada para a obtenção de água de coco é entre junho e outubro. Como as instalações de produção fechadas, os cocos verdes que deveriam ser utilizados para o processamento amadureceram. Como os cocos maduros não são a principal prioridade para os vendedores, eles são processados para obter outros produtos. Assim, o potencial de captação de água dos cocos verdes foi afetado, onde a maioria dos agricultores e vendedores perdeu vendas durante o 1T2020. No entanto, os cocos colhidos são usados para consumo doméstico, o que pode sustentar a lucratividade dos proprietários de fazendas, considerando que os fornecedores são afetados devido às condições de mercado incertas; Com mais de 85% dos cocos sendo provenientes de países como Indonésia, Tailândia, Filipinas, Brasil, Índia e Malásia, o bloqueio imposto pelos governos dessas nações afetou as atividades de exportação. Isso gerou baixas nos estoques de coco para os fornecedores processar em países onde havia diretrizes liberais para as operações da fábrica. As perturbações no abastecimento da matéria-prima têm influenciado a capacidade de produção;
Mundo	<ul style="list-style-type: none"> No entanto, as vendas da água de coco nos principais pontos de venda de varejo testemunharam um pico antes que a escassez se instalasse. As vendas de marcas como Vita Coco aceleraram fortemente na Costa Oeste em supermercados, enquanto houve aumento na demanda por água de coco na rede de varejo dos EUA durante o 1T2020. Gigantes do varejo como o Walmart relataram alta de 200% nas vendas por meio de e-commerce. Isso tornou mais evidente o fato de que as pessoas começaram a consumir águas de base vegetal durante a pandemia; Observou-se também que a demanda por água engarrafada também aumentou junto com a da água de coco. Assim, a água de coco testemunhou alta repentina nas vendas ao lado de produtos essenciais como desinfetantes para as mãos, papel higiênico e EPI. Observa-se também que os consumidores estão gravitando em torno de produtos essenciais com alto valor nutricional e longa vida útil; Com o aumento da demanda, os estoques estão se esgotando rapidamente. Algumas empresas também conseguiram estocar em instalações portuárias disponíveis em Países como o Brasil. Cenário semelhante foi observado em Países onde não há cultivo de cocos, como nos EUA; No futuro, espera-se que o renascimento do mercado seja mais evidente no final de 2020, onde o mercado de água de coco embalada testemunhará suas vendas mais altas em sua temporada fora de pico nas principais economias. Isso é impulsionado principalmente pelo desejo de consumir bebidas mais saudáveis. Os nutrientes e eletrólitos da bebida são considerados mais úteis para um envelhecimento saudável. Assim, espera-se que os fornecedores atendam ao aumento repentino da demanda por meio de fornecimento e processamento adequados, pois as práticas comerciais devem ser liberalizadas até o final de 2020. O crescimento da demanda pode ser proeminente em todos os modos de canais de distribuição onde os fornecedores podem posicionar seus produtos de acordo com os ajustes apropriados de preços;
Brasil	<ul style="list-style-type: none"> Os benefícios nutricionais oferecidos pela água de coco podem ser um fator de sucesso no mercado. A América Latina tem 5 dos 20 maiores produtores de coco (Brasil, México, República Dominicana, Jamaica e Venezuela) do mundo. O Brasil e o México permaneceram na vanguarda do uso da água de coco envazada, visto que os consumidores a viam como uma alternativa eficiente e mais saudável aos refrigerantes convencionais. Além disso, os recursos naturais são favoráveis para o cultivo; Enquanto mais de 75% das pessoas preferem comprar bebidas orgânicas no Brasil, o preço é considerado um grande influenciador entre 60% dos consumidores. Além disso, mais de 30% dos compradores citam a falta de locais acessíveis para comprar o produto. Essas tendências podem se refletir também nas vendas de água de coco, onde os vendedores são recomendados a focar na melhoria dos canais de distribuição, principalmente supermercados, que são os preferidos de 60% dos consumidores para comprar água de coco envazada; Em termos de volume, o mercado de água de coco embalada no Brasil foi avaliado em 182,52 milhões de litros em 2019 e deve chegar a 637,82 milhões de litros até 2025, crescendo 23,19% a.a. no neste período. O mercado de água de coco envazada no Brasil em 2019 foi avaliado em US\$ 740,75 milhões; As bebidas não-alcoólicas representam uma parcela significativa do mercado de bebidas, variando entre 73% e 75% do volume de produção total de bebidas no Brasil entre 2009 e 2019. No período, houve pequeno incremento de 5,6 bilhões de litros no consumo total, resultando numa queda do consumo "per capita" de 344,6 litros em 2009 para 341,5 litros em 2019. A água de coco é uma categoria líder na indústria de água de base vegetal, e está emergindo como forte concorrente para bebidas carbonatadas e sucos. Em 2019, a água de coco representava 87,23% do mercado de água de base vegetal e deve registrar crescimento absoluto de 388%, gerando receita de US\$ 15 bilhões até 2025. De acordo com vários atores do setor, o principal fator é seu sabor natural, alto teor de nutrientes e a presença de eletrólitos naturais. Isso fez da bebida um grande sucesso entre os entusiastas com pegada mais natural e fitness, incluindo jogadores profissionais e atletas, idosos etc.

Fonte: Adaptado de: 1) FALKE INFORMATION. Panorama e evolução recente do setor brasileiro de bebidas. Relatório Setorial, São Paulo, Julho de 2020. 39p. (EMIS ISI Emerging Markets Group); 2) ARIZTON ADVISORY & INTELLIGENT. Packaged coconut water market: global outlook & forecast 2020–2025. 425p. (EMIS ISI Emerging Markets Group).

6 PERSPECTIVAS PARA A RETOMADA DA ATIVIDADE

Segundo a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), a pandemia provocada pelo coronavírus derrubou todas as previsões a respeito da economia mundial. E, enquanto não for encontrada uma vacina, ainda permanecem as incertezas sobre a recuperação global. No melhor cenário, a queda no PIB mundial deve ficar em 6,0%, em 2020, recuperação de até 5,2% em 2021. Caso haja uma segunda onda de contágios antes do final do ano, a queda poderá chegar a 7,6% em todo mundo, e a recuperação só chegará a 2,8%, em 2021. A partir desse ano, a economia mundial voltará a crescer lentamente, pois a crise terá efeitos de longa duração, afetando desproporcionalmente as pessoas mais vulneráveis. De acordo com as projeções do FMI, ao final de 2021, a economia mundial terá retornado ao nível de 2019, mas o melhor cenário depende do desenvolvimento de uma vacina em curto prazo, atrelada a políticas que acelerem o processo de recuperação da atividade econômica. O FMI também alerta para o elevado grau de incerteza em torno de projeções.

No caso do Brasil, o melhor dos cenários, em que o País seja atingido apenas por uma onda de contágio, a OCDE prevê queda de 7,4% no PIB. Mas, caso haja uma segunda onda, a economia brasileira pode cair até 9,1%, em 2020. No segundo semestre de 2020, os indicadores econômicos serão piores do que os observados atualmente, como o aumento do desemprego e a queda de poder de compra do consumidor. Segundo o IBGE, a pandemia provocou queda no PIB de 9,7% no segundo trimestre de 2020, colocando novamente o País em recessão. As atividades que foram mais abaladas terão recuperação mais lenta. O Brasil ainda passará por um período de muitos percalços e dificuldades econômicas, até que sua população passe a ter segurança em relação ao coronavírus, o que ocorrerá, possivelmente, depois da descoberta de uma vacina.

Diante do exposto, em relação à cocoicultura foram delineadas algumas perspectivas sobre a retomada da atividade, bem como de seus elos, no cenário de pós-pandemia:

Produção: em função do isolamento social, houve queda na demanda, cancelamento de pedidos e colheita interrompida porque os compradores suspenderam os

negócios, com consequente queda no preço do coco. A maioria dos agricultores perdeu vendas durante o primeiro trimestre de 2020 e ainda estão sendo afetados pelas condições de mercado incertas. Mesmo diante das condições climáticas favoráveis a uma boa produção, o retorno financeiro será mais demorado, devido à dificuldade de oferecer os produtos a preços mais remuneradores, a uma população que está com baixo poder de compra. A situação da atividade econômica e da complexidade dos fatores decorrentes dos impactos sociais da pandemia por covid-19, estima-se que os próximos doze meses, 2020-2021, seja de organização dos produtores e da produção, reabertura do mercado, amortização e de reescalonamento de dívidas. Investimentos, provavelmente após este período, focados em inovação para melhoria da economia dos sistemas de produção e da agroindústria.

Distribuição: os canais de distribuição voltados para a exportação foram favorecidos com a desvalorização do real, a exemplo do aumento de 15,0% dos volumes de água de coco integral exportados para os Estados Unidos, principal mercado, comparando-se o primeiro semestre de 2020 com o mesmo período de 2019. Os supermercados também foram favorecidos nesse período de isolamento, com aumento de 5,4% nas vendas, no primeiro semestre de 2020, funcionando sem restrições por serem considerados essenciais para a população. Os mais afetados nesse segmento foram os pequenos distribuidores ou intermediários que precisam se capitalizar para entrar novamente no mercado.

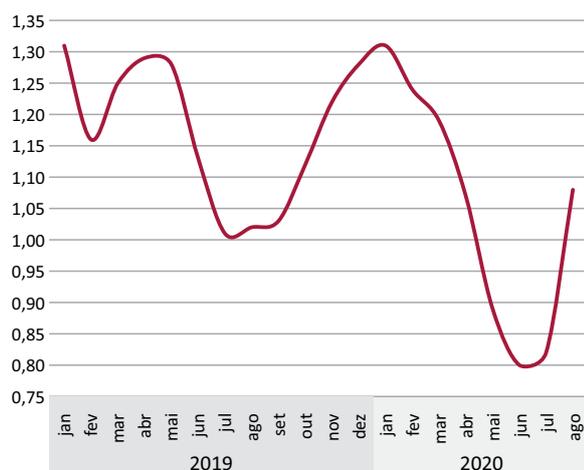
Processadoras/envasadoras: as envasadoras de água de coco e as processadoras de produtos à base de coco sofreram grandes perdas durante o primeiro e segundo trimestres de 2020, tendo como principais causas, as oscilações no abastecimento da matéria-prima, a redução da capacidade de funcionamento com vistas à segurança dos trabalhadores e a queda nas vendas. Houve fechamento de fábricas e demissão de funcionários. O tempo de recuperação das perdas e o retorno das atividades aos patamares vigentes antes da pandemia será mais lento do que os demais elos da cadeia, que só ocorrerá, possivelmente, no primeiro semestre de 2023. Vale salientar que esse tempo foi estimado considerando também a capacidade de resposta do setor produtivo e a recuperação do poder de compra do consumidor. Além disso, essa data pode variar de acordo com as especificidades e capacidade de resposta de cada indústria.

7 ANÁLISE SWOT

Coco verde e coco seco	Pontos fracos	<p>Maior dificuldade nas vendas de coco seco em virtude do fechamento de docerias, padarias, lanchonetes e outros consumidores do produto.</p>
	Pontos fortes	<p>Alimento com elevado valor nutricional; Vida de prateleira relativamente maior que outros produtos naturais; Alimento com preço acessível ao atual poder de compra dos consumidores; Grande leque de derivados; Alternativa eficiente e mais saudável aos refrigerantes convencionais.</p>
	Ameaças	<p>Importação de água de coco e de coco ralado de Países que os vendem a preços mais vantajosos.</p>
	Oportunidades	<p>Aumento do consumo mundial de água de coco; Elevada demanda de água de coco, nos principais pontos de venda de varejo; Aumento na demanda por água de coco na rede de varejo dos EUA, principal comprador, durante o primeiro trimestre de 2020; Alta de 200% nas vendas de água de coco por meio de e-commerce.</p>
Produção	Pontos fracos	<p>Prevalecem na produção os pequenos e mini produtores, em sua maioria, descapitalizados; Prolongado período de estiagem (2012-2016) ocasionando a morte de muitas plantas; Demora para recuperação dos plantios; Maior dificuldade de se adaptar às mudanças.</p>
	Pontos fortes	<p>Condições climáticas favoráveis ao aumento da produção; Capacidade de produção durante o ano todo; Capacidade de atender à demanda, com a liberação do comércio no final de 2020; Maior apelo por alimentos saudáveis; Migração dos consumidores para produtos mais baratos.</p>
	Ameaças	<p>Cancelamento de pedidos; Perda nas vendas durante o primeiro trimestre de 2020; Queda no preço e menor remuneração; Cenário de desemprego ou de queda na renda familiar Não receberam os valores relativos a vendas passadas; Importação de água de coco e de coco ralado de Países que os vendem a preços mais vantajosos; Incertezas de mercado.</p>
	Oportunidades	<p>No cenário de maior abertura, com o aumento da demanda e queda nos estoques, iniciou um aumento dos preços; PIB da agropecuária cresceu 0,4%, no segundo trimestre.</p>
Distribuição	Pontos fracos	<p>Grande dependência do fornecimento de produtores; No caso de intermediários, necessidade de capital de giro.</p>
	Pontos fortes	<p>O setor de varejo foi o menos afetado, por ter sido sustentado pelos supermercados; Maior facilidade do varejo de adaptação às mudanças.</p>
	Ameaças	<p>Cancelamento de pedidos; Restrições à mobilidade de veículos reduziram drasticamente o processo de abastecimento; Dificuldade de comercialização; Exportações e importações afetadas pelo bloqueio de governos internacionais.</p>
	Oportunidades	<p>Aumento de 15,0% do volume exportado de água de coco integral para os Estados Unidos; Adoção de canais digitais para a entrega aos consumidores; Incentivo às exportações por conta da valorização do dólar; PIB da exportação cresceu 1,8%, no segundo trimestre.</p>

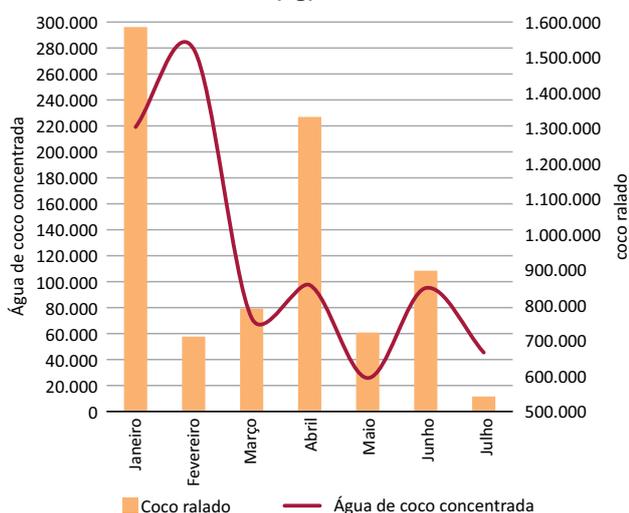
Processadoras/ envasadoras	Pontos fracos	Redução da produtividade como medida de controle da propagação do vírus; Elevados custos fixos e carga tributária.
	Pontos fortes	Crescimento de marcas próprias; Grande leque de produtos favorecendo a sustentação das empresas.
	Ameaças	Oscilações no abastecimento da matéria-prima; Ociosidade da capacidade de produção; Queda no processamento de derivados de coco; Fechamento de fábricas; PIB da indústria da transformação caiu 17,5%, no segundo trimestre; Baixas nos estoques de coco para processamento em Países onde havia diretrizes liberais para as operações da fábrica.
	Oportunidades	Antes da pandemia, previu-se que, entre 2019 e 2025, o mercado de água de coco embalada, no Brasil, crescerá anualmente 23,19%; Possibilidade de crescimento maior, no pós-pandemia, em função do hábito adquirido por muitos consumidores.
Consumidores (Pessoas físicas, hospitais, restaurantes e outros)	Pontos fracos	Aumento do desemprego; Queda na renda da população.
	Pontos fortes	Consumo de água de coco associado à saúde durante a pandemia; Mais de 60% dos consumidores aumentaram o consumo de frutas e verduras; Estabelecimento de possíveis mudanças nos padrões de consumo, com focos na segurança alimentar e na saúde.
	Ameaças	Cenário de desemprego ou de queda na renda familiar; PIB do consumo das famílias teve uma queda recorde de 12,5%, no segundo trimestre; Capacidade de compra do consumidor limitada, principalmente, no segundo semestre de 2020; Funcionamento parcial de restaurantes, padarias e lanchonetes; Dificuldade na venda a preços mais elevados, em virtude da queda de renda da população.
	Oportunidades	O preço é considerado um grande influenciador entre 60% dos consumidores; Maior flexibilização ao isolamento e à comercialização na maioria dos estados brasileiros, promovendo a recuperação parcial do consumo de coco.

Gráfico 3 – Média mensal dos preços de coco verde nas Ceasas do Nordeste (R\$/unidade)



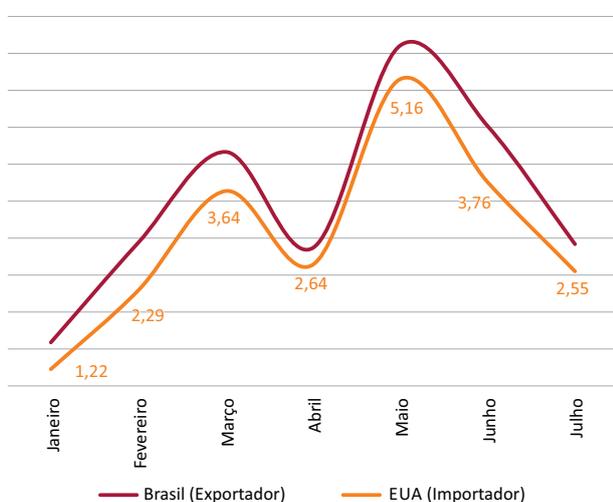
Fonte: CONAB (2020).

Gráfico 4 – Importação de coco ralado e de água de coco concentrada (kg)



Fonte: AGROSTAT (2020).

Gráfico 5 – Exportação de água de coco de menor concentração (mil toneladas)



Fonte: AGROSTAT (2020).

REFERÊNCIAS

AGROSTAT - ESTATÍSTICAS DE COMÉRCIO EXTERIOR DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO. **Exportação e importação.** Disponível em: <http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ARAGÃO W. M. et al. **Teor de gordura e composição de ácidos graxos em polpa de frutos de coqueiro anão em diferentes idades de maturação.** Rev. Inst. Adolfo Lutz, 63(2):159-67, 2004. Disponível em: http://www.ial.sp.gov.br/resources/insituto-adolfo-lutz/publicacoes/rial/2000/rial63_2_completa/992.pdf. Acesso em: 03 jul. 2020.

COHIBRA – COQUEIROS HÍBRIDOS DO BRASIL. **Comercialização de sementes e mudas de coqueiros.** Agosto de 2018.

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. 2020. PROHORT - Programa brasileiro de Modernização do Mercado de Hortigranjeiro. **Média mensal dos preços.** Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/hortigranjeiros-prohort>. Acesso em: 01 set. 2020.

_____. **Preços médios no atacado (Ceasa) de referência dos estados.** Disponível em: <http://www.ceasa.gov.br/precos>. Acesso em: 30 jul. 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **LSPA - Levantamento sistemático da Produção Agrícola.** Fortaleza: IBGE/GCEA-CE. Dezembro. Séries 2020. Dados preliminares.

_____. **Produção Agrícola Municipal.** Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pms/brasil>. Acesso em: 16 jul. 2020a.

SINDCOCO. **Boletim Conjuntural - Importações de coco ralado e de água de coco.** Novembro de 2017; novembro de 2018. Disponível em: <http://www.sindcoco.com.br>. Acesso em: 11 dez. 2018.

USDA - UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **Produção, suprimento e distribuição.** PSD. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline>. Acesso em: 09 jan. 2020.

ANÁLISES DISPONÍVEIS

AGROPECUÁRIA

- Etanol de milho - 08/2020
- Produção e mercado de açúcar - 08/2020
- Produção e mercado de Etanol - 07/2020
- Carne bovina- 06/2020
- Cajucultura - 05/2020
- Grãos (1ª safra) - 5/2020
- Mel - 04/2020
- Comércio exterior do Nordeste - 03/2020
- Citricultura - 12/2019
- Café - 12/2019
- Hortaliças - 11/2019
- Mandioca - Raiz, farinha e fécula - 11/2019
- Algodão - 10/2019
- Grãos - feijão, milho e soja - 09/2019
- Flores e plantas ornamentais - 09/2019
- Carnes: "preço do boi nos ares" - 09/2019
- Pescados - 08/2019
- Fruticultura - 06/2019
- Comércio exterior: cacau e seus produtos - 06/2019
- Grãos: feijão, milho e soja - 05/2019
- Comércio exterior: produtos apícolas - 04/2019
- Comércio exterior: sucos de frutas - 04/2019
- Comércio exterior: sucroalcooleiro - 04/2019
- Comércio exterior: fibras e produtos têxteis - 04/2019
- Comércio exterior: frutas, nozes e castanhas - 03/2019
- Comércio exterior: setor florestal - 03/2019
- Comércio exterior: grãos - 03/2019
- Comércio exterior no Nordeste - 03/2019
- Silvicultura - 02/2019
- Sucroalcooleiro - 02/2019
- Apicultura - 01/2019

INDÚSTRIA

- Bebidas não Alcoólicas - 07/2020
- Vestuário - 06/2020
- Bebidas Alcoólicas 06/2020
- Indústria de Alimentos - 05/2020
- Indústria Têxtil - 10/2019
- Indústria Petroquímica - 10/2019
- Indústria Siderúrgica - 08/2019
- Setor moveleiro - 07/2019
- Indústria de bebidas não alcoólicas - 07/2019
- Indústria de Alimentos - 05/2019
- Bebidas Alcoólicas - 05/2019

INFRAESTRUTURA E CONSTRUÇÃO CIVIL

- Energia Solar - 03/2020
- Distribuição de energia elétrica - 10/2019
- Micro e minigeração distribuída - 07/2019
- Saneamento -06/2019
- Telecomunicações - 06/2019
- Biocombustíveis - 05/2019
- Energia eólica - 02/2019
- Energia elétrica - 01/2019
- Saneamento - 01/2019
- Transportes - 01/2019

COMÉRCIO E SERVIÇOS

- Turismo - 08/2020
- Comércio Varejista - 07/2020
- Shopping Centers - 02/2020
- Turismo - 12/2019
- Serviços 2019/2020 - 11/2019
- Comércio 2019/2020 - 09/2019
- Comércio eletrônico - 08/2019
- Hoteleiro - 08/2019
- Saúde - 07/2019
- Shopping Centers - 02/2019

ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

ANÁLISES PREVISTAS PARA 2020

Análise setorial	Previsão 2020
Saneamento	Abril
Indústria da construção civil	Maior
Cocoicultura	Maior
PET	Junho
Sucroenergético	Junho
E-commerce	Junho
Energia eólica	Julho
Produção de mandioca - raiz, farinha e fécula	Julho
Silvicultura	Julho
Indústria siderúrgica	Agosto
Grãos (2ª safra)	Agosto
Móveis	Agosto
Bovinocultura leiteira	Agosto
Biocombustíveis	Agosto
Hotelaria	Agosto
Microgeração de energia	Setembro
Indústria petroquímica	Setembro
Floricultura	Setembro
Algodão	Outubro
Fruticultura	Outubro
Turismo	Outubro
Rochas ornamentais	Novembro
Petróleo e gás natural	Novembro
Hortaliças	Novembro
Cafeicultura	Dezembro
Aquicultura e pesca	Dezembro
Shopping Center	Dezembro
Telecomunicações	Julho
Micro e pequenas empresas	Março
Saúde	Novembro
Setor têxtil	Setembro
Vestuário	Maior
Comércio	Dezembro
Serviços	Dezembro